

# Journal do Domingo

## REVISTA UNIVERSAL

### ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

|                             |             |
|-----------------------------|-------------|
| Anno ou 52 numeros.....     | 2\$500 réis |
| Semestre ou 26 numeros..... | 1\$300 "    |
| Trimestre ou 13 ".....      | 700 "       |
| Avalso.....                 | 50 "        |

— ANNO I — 27 DE FEVEREIRO DE 1881 — N.º 2 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO  
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

### ASSIGNATURA

BRAZIL

|                             |             |
|-----------------------------|-------------|
| Anno ou 52 numeros.....     | 7\$000 réis |
| Semestre ou 26 numeros..... | 4\$000 "    |
| Trimestre ou 13 ".....      | 2\$000 "    |
| Avalso.....                 | 200 "       |

### SUMMARIO

Gravuras:—A maldade na innocencia; O filho de Luiz XVI; Um chefe de ciganos; Kaschgär.

Texto:—As nossas gravuras; A nau Catherineta por Pinheiro Chagas; Uma herança por Asmodeu; Tres pensamentos de um album; O crime de Rivecourt, traducção de Cunha e Sá; Enigma

### AS NOSSAS GRAVURAS

A MALDADE NA INNOCENCIA. — A deliciosa gravura que damos com este titulo, representa uma

bre ella o manto deslumbrante das neves densas e rigorosas.

N'essas regiões, quando sobrem a quadra da desolção e da tristeza, quando o sol empallide-

Domesticada pelos rigores da fome e do frio bastam umas pobres migalhas que se lhe lancem, para que ella, que era tão timorata e tão esquiva, se approxime da morada do homem, e vá até



A MALDADE NA INNOCENCIA

scena que se póde considerar vulgar nas regiões onde o inverno não recama simplesmente a campina com os aljofares da geada, mas estende so-

ce no céu, e na terra esmorecem a vida e a alegria, a avesinha não encontra nem grãos nem insectos com que se alimentar.

comer-lhe na mão o alimento que elle lhe offerece.

A nossa gravura representa uma scena d'esse

genero. Os grandes frios fazem sair o lobo do mato e approximar da casa rustica a avesinha es-pantadica.

Uma mãe compadecida, ao partir o pão para os seus filhos,—as aves que ella creou no ninho dos seus braços—não se esqueceu de lançar algumas migalhas ás aves que volitam pelo céu. O pequeno mais velho presenciou isto. Elle não tem mau coração, não gosta de fazer mal aos passarinhos, mas ao seu cerebro ainda pouco reflectido accendi muito naturalmente uma idéa traquinna. Aquelle animalinho ha de servir para elle e mais a irmã brincarem. O que faz? Vae buscar lá dentro uma peneira; traz tambem de caminho um pedacito de pau. Depois, todo cheio de alvoroço e de cantella, no sitio onde a ave ha de vir debicar, colloca a peneira, volta-a com o fundo para cima, mette-lhe de um lado o pedacito de madeira, ao qual previamente atou um cordelinho, e quando o misero animal vier cheio de fome e frio saciar-se nas migalhas, puxará o cordelinho, e fará um prisioneiro!

Que folia! Como o pequeno e innocente caçador não se diverte em seguida com os saltos, os pios, os vôos, com todos os baldados esforços que o seu captivo emprega para recuperar a liberdade do espaço, a liberdade que é tão querida mesmo sob o céu inclemente, na campina regelada, acontada, despida pelo rigoroso inverno!

Quanto melhor, porém, não seria que a avesinha viesse alegre cantar-lhe todas manhãs á janella do quarto, comer no parapeito as migalhas que elle lhe deitasse do seu almoço! Mas elle não entende assim, é pequeno, e só mais tarde comprehenderá devidamente quão preciosa regalia é a liberdade, a doce liberdade que até as aves desejam e estimam, e os homens vertem o seu sangue e morrem por ella.

*Cunha e Sá.*

O FILHO DE LUIZ XVI.—O que parecia destinado a herdeiro do desditoso rei Luiz XVI, foi uma das victimas sympathicas dos excessos da grandiosa e sanguinolenta da Revolução Franceza. Quando apenas tinha nove annos encarceraram-no com seu pae e com a rainha Maria Antonietta, na prisão do Templo. Depois da execução do rei Luiz XVI, foi reconhecido rei pela familia real, pelos emigrados e por varios paizes.

Como medida de segurança bem entendida, os revolucionarios francezes conservaram sob prisão severa aquelle principe, que era o representante do poder secular e tyrannico que elles tinham conseguido derrubar. A logica inexoravel da Revolução ia porem fazer soffrer novos martyrios aquella criança destinada pela fatalidade, como seu pae, a saciar os odios accumulados durante seculos de tyrannia no coração nobilissimo da França.

Em primeiro lugar, um decreto da Convenção ordenou que o separassem da mãe e ficasse sob a vigilancia de um membro da Communa. Cruelissimo rigor, o de separar a mãe de um filho, principalmente se se attender ás circumstancias dolorosissimas em que ambos se achavam. Alem d'isso, o principe foi separado da rainha para ser entregue a um sapateiro, a um homem de uma condição muito baixa, e tambem pretendem, de um character rude e malevolo.

Começa aqui a lenda do martyr.

Dizem que Simão, atreu e estúpido, de costumes abjectos e coração de tigre, acceitára a

missão de matar lentamente a moralidade, a intelligencia e a vida d'aquelle a quem chamava seu discipulo, tarefa atroz em que era ajudado pela mulher, creatura digna do marido que a possuia.

Estas duas creaturas entregavam-se a continuas orgias em que obrigavam o pequeno Capeto a tomar parte.

Ensinavam-lhe as canções mais em voga, contrarias á realza, de que elle era o representante e não lhe faltavam com maus tratos. Poremor incrível, um dia que pedira um brinquedo, diz-se que lhe trouxeram uma guilhotina! Quando Maria Antonietta subiu ao cadafalso, a 16 de outubro de 1794, um dos maiores pesares que lhe torturaram a alma foi de certo a idea de que seu filho ficava n'aquella situação horrivel.

Afinal, em 8 de junho de 1795, quando ia para os onze annos, morreu, de certo por effeito dos maus tratos que soffrera.

Foi enterrado na valla commum, no cemiterio de Santa Margarida. Apesar das pesquisas a que se procedeu em 1815, não se poudo descobrir vestígios d'aquella victima.

Por isso, como tem succedido com muitos personagens culminantes da historia, negou-se a sua morte, a qual, effectivamente, se deu em circumstancias muito mysteriosas.

Preteendeu-se que tinham substituido o real prisioneiro por outra creança.

Este estado de duvida não deixou de ser explorado, e como em Portugal os falsos D. Sebastião, appareceram em França muitos falsos Luiz XVI, um dos quaes, chamado Carlos Naundorf, morreu em Delft em 1845, deixando um filho, tenente ao serviço do rei dos Paizes Baixos, com o nome de Adalberto de Bourbon, nome que o governo hollandez o auctorizou a usar.

O pintor belga barão de Wappes, inspirando-se da dolorosa historia do filho do guilhotinado Luiz Capeto, compoz o bellissimo quadro de que a nossa gravura é o transumpto. Ante esta gravura, como ante as paginas da historia, confrange-se o coração e deploramos os horrores inevitaveis das revoluções sociaes. O que succedeu em 92, repetiu-se na Communa de 1871. É a triste condição do povo. Quando lhe agitam diante dos olhos o facto das grandes conflagrações sociaes, turva, desatina, ruge e torna-se fera.

UM CHEFE DE CIGANOS. — Os individuos d'esta raça curiosa e extraordinaria, chamam-se em Portugal *ciganos*, na Hespanha *gitanos*, na França *bohémios*, na Italia *zingari*, na Inglaterra *gypsies*, na Allemânia *zinguener*, na Arabia *charamis* (ladões), na Hungria *Pharaoh nepeh* (povo de Pharaoh), na Moldavia *cygano* e na Persia *siah-hindú* (indios negros).

Esta grande variedade de nomes provem da differente origem que os varios povos lhes attribuem.

Se os inglezes, por exemplo, lhes chamam *gypsies*, é porque os supõem egypcios de origem, e se os francezes lhes dão o nome de *bohémios*, é porque os julgaram descendentes dos *hussitas*, sectarios de João Huss, natural da Bohemia, perseguido com os seus adeptos por motivos religiosos.

Quem terá razão? A nosso ver, parece que os arabes teem carradas d'ella, chamando-lhes ladões, porque na verdade quem diz cigano diz

ladão, e quanto aos persas, chamando-lhes indios negros, tambem não dizem asneira nenhuma, porque de brancos não teem os ciganos nada.

Quanto aos homens de sciencia, chamam-lhes *tziganes*, e ao seu idioma dialecto *tziganc*, e dizem que a origem d'esta raça é india, o que se confirma, em primeiro lugar, pela analyse do seu idioma, no qual se encontra grande somma de palavras hindús; em segundo lugar, pelo nome que lhes dão os persas, *siah-hindú*, indios negros; e em terceiro lugar, pelo nome que os proprios ciganos dão a si mesmos, isto é, *Sinte*, o que faz vêr que são originarios do reino de Sinde, d'onde foram expulsos por Tomerlão, espalhando-se em seguida por todo o mundo.

O que porém mais que tudo deve admirar-se n'esta raça, essencialmente vagabunda, é terem uma organização politica, sendo governados por chefes de diversos graus ou cathogorias, desde o chefe supremo até o chefe da horda errante.

Ha pouco dizia-se que o chefe supremo, residia em Pesth, e era um rico negociante, e foi tambem n'esta cidade que se effectou a ultima assemblea dos representantes da raça, que vieram dos diversos paizes da Europa, e até da Asia e da America.

Mas deixemos os membros d'esta mysteriosa reunião, e voltemos a um personagem de que damos o retrato executado com a mais escriptural exactidão.

Quando uma horda de ciganos se põe em movimento para percorrer o mundo, exercendo diversos misteres, qualquer que seja o numero de membros que a compõem, tem sempre um chefe. Dão a este chefe um titulo equivalente ao de duque.

É facil reconhecê-lo por certas insignias: um grande botão de prata e uma grande bengala de castão tambem de prata, que faz lembrar muito o bastão de tambor-mór.

Nas occasiões sollemes, põe um grande collar mais ou menos ricamente guarnecido de laminas metallicas, sobre os quaes figuram estranhos signaes.

Quanto á sua auctoridade é das mais serias. Em primeiro lugar é elle que resolve o caminho a seguir, e a tal respeito não ha discussão possivel. Tambem resolve as contendas que surgem entre a sua gente, preside aos nascimentos, aos casamentos, etc.

Mas, é nas funções de juiz supremo que se revela a sua importancia, porque deve-se saber que os ciganos teem um codigo que prescreve tres penas principaes: flagellação, expulsão da tribo e morte! O chefe pode pronunciar as primeiras, mas para a ultima deve aggregar a si dois membros do bando, os mais velhos. O julgamento tem lugar em algum sitio deserto; a sentença é immediatamente executada, e o culpado enterrado no lugar onde os juizes funcionaram.

Comtudo, este homem revestido de um poder tão formidavel que a vontade dos seus subditos lhe confere, acha-se, a certos respeitoes, submettido aos principios da mais estricta egualdade.

Executa os mesmos trabalhos que os seus, vive da mesma maneira, e na partilha dos beneficios não obtem mais vantagens que elles.

É um estado muito curioso, o da organização intima dos ciganos. Se não fosse o perigo das algibeiras, aconselhavamos o leitor a que o fizesse.

Dizem que o tal duque dá facilmente á lingua

tendo á sua disposição uma garrafa de agua-ardente. Se um dia encontrarem algum duque d'esta casta, façam-no fallar, deem-lhe agua-ardente, e escusam de lhe dar mais nada; o apanhar mais alguma coisa fica ao cuidado d'elle e fica bem, verão.

**KASCHGAR.** — O imperio vastissimo da China comprehende, além da China propriamente dita, os paizes que lhe são tributarios, como a Corêa, a Boukaria, etc.

Entre estes paizes figura o de Kaschgar.

O dominio d'este paiz pelos chinas data de longos annos. Mas nenhum paiz, nem ainda este que tem o arvezado nome de Kaschgar, supporta facilmente os seus dominadores, e os habitantes de Kaschgar, revoltavam-se muitas vezes contra os chinas. Era principalmente a cobrança dos impostos, o que dava origem a mostras de descontentamento e a explosões, exactamente como succede muitas vezes em paizes civilisados, quando os ministros da Fazenda se lembram de minoscar o povo com o imposto do rendimento, por exemplo.

Os agentes chinezes encarregados d'esta espinhosa missão — espinhosa para os habitantes de Kaschgar, bem entendido, — os agentes mostravam-se de uma rapacidade tão chinesa, que o mau humor dos collectados era muito justificado.

Depois de algumas revoltas, o governo do Imperio do Meio decidiu não mandar d'ali em diante para Kaschgar senão governadores musulmanos, o que muito regosijou os habitantes que são todos devotos de Mafoma. Aproveitando o momentaneo bom humor da população, os chinezes apressaram-se a edificar junto de cada cidade uma fortaleza para n'ella se acoutar o perceptor das contribuições, e uma guarda para lhe defender a pelle e ajudar a esfolar a dos habitantes.

Receberam estas fortalezas o nome de Sangi-Schahr, o que significa *cidade nova*. A da capital é a mais importante; era guarnecida por uma força de 4.000 homens.

Depois levantaram ali um edificio que serve de residencia ao Emir.

A nossa estampa representa a porta do Yangi-Schahr de Kaschgar.

R.

## A NAU CATHERINETA

Uma das aventuras maritimas, que mais profunda impressão deixaram na alma do nosso povo, foi sem duvida alguma a desastrosa viagem de Jorge de Albuquerque Coelho, de Pernambuco a Lisboa. A musa popular não se eximio a cantar essa catastrophe, e a sua tradição, adulterada pela phantasia dos ingenuos trovadores, mas ainda facil de reconhecer, subsiste nos rudes cantos maritimos das campanhas portuguezas.

No dia 29 de junho de 1563 partio de Pernambuco para Lisboa Jorge de Albuquerque Coelho, depois de ter ajudado poderosamente seu irmão Duarte na guerra contra os Indios, que infestavam a capitania de que elle era donatario. Já no mez anterior tentara emprender a viagem; mas a nau em que partira encalhou na barra, e só á custa de muito trabalho se concertou de novo e se apromptou. Pediram muitas pessoas a Jorge de Albuquerque Coelho que não insistisse em partir no navio que tão mal se estrelára,

Obstinou-se Jorge de Albuquerque, e n'essa mesma nau *Santo Antonio* partio logo para o reino.

Tinham apenas cinco dias de viagem quando a nau abriu agua, e se reconheceu além d'isso que vinha muito sobrecarregada. Alijou-se fazendo ao mar, e pensou-se em se arrihar ás Antilhas; mas o vento não favorecia a arribação e tiveram de seguir viagem com bastante perigo. Também não poderam tomar as ilhas de Cabo Verde, e o vento impellio-os tanto para o norte que chegaram a estar a pouca distancia da Terra Nova. A extraordinaria duração da viagem fez com que principiassem a escassear os mantimentos e a agua, e, por cumulo de desventura, introduziu-se a desordem na tripulação, custando muito a Jorge de Albuquerque applicar os espiritos. Já com o gurutepz partido, com falta de viveres, e com dois mezes de viagem, sem verem mais do que mar e céu, navegavam enfim no rumo de Portugal, quando de subito deram noticia de que os perseguia uma nau de corsarios francezes, bem artilhada e bem guarnecida de gente, como sempre o costumavam ser esses navios destinados exclusivamente á pirataria, e que então infestavam com frequencia os mares da Europa, porque não se atreviam ainda a seguir nas aguas desconhecidas o sulco dos navios portuguezes.

A nau portugueza *Santo Antonio* trazia apenas duas peças de artilheria e homens armados eram só alguns soldados de terra que acompanhavam Jorge de Albuquerque. Ronceira de si, e demais a mais com agua aberta e mastros partidos, não podia fugir á veleira nau franceza; resistir ainda menos. Queriam entregar-se os tripulantes; Jorge de Albuquerque declarou que se não entregaria enquanto lhe restasse um folego de vida. Poucos o acompanharam n'essa heroica resolução, mas esses poucos bastaram para emprender a temeraria resistencia.

Carregando e dando fogo elle mesmo ás duas peças, Jorge de Albuquerque sustentou por tres dias o combate desigualissimo. A tripulação, vendo porém os estragos que fazia á nau o fogo do inimigo, notando que a polvora já ia faltando, pediu a Jorge de Albuquerque que desistisse de lutar por tal forma impossivel. A nada queria attender o intrepido soldado, até que o mestre e o piloto desesperados amainaram de subito as velas e começaram a bradar aos francezes que se entregavam. Jorge de Albuquerque, furioso, queria matar o mestre e o piloto, a quem chamava covardes e a quem accusava de o deshonrarem. Já a esse tempo porém entravam os francezes em tropel pelo navio, e Jorge de Albuquerque teve de quebrar, chorando de raiva, a sua gloriosa espada.

Pasmavam os francezes da resistencia que o navio fizera com tão debeis meios, e não se cansavam de elogiar a bravura do capitão portuguez. Jorge de Albuquerque porém não se consolava com esses gabos, e respondia com amarga tristeza ás fallas benevolas do capitão corsario. Essa tristeza redobrou quando percebeu que eram hauguetes os seus vencedores. O resentimento do soldado complicou-se com a angustia do catholico romano, que suppunha insultada a sua fé pelos ritos hereticos dos protestantes francezes. Não pensava senão em quebrar o captivo que lhe estava sendo agora duplamente pesado. Os francezes tinham mettido uma pequena guarnição na nau prisioneira, e iam-n'a escoltando com o seu

navio. Jorge de Albuquerque chegou a traçar um plano, de accordo com os mais destemidos dos seus companheiros de infortunio, para se desembaraçar dos francezes que guarneciam a nau e escapar-se com ella. Esperavam só o momento propicio para intentar a empreza, quando rebentou o mais furioso temporal de que havia memoria. O vento era medonho, o mar bravissimo; foi necessario alijar uma grande parte da carga e até os mastareus das gaviás. As ondas alagavam o navio de pópa á proa, e uma d'ellas desmanchou o leme. A confusão era terrivel, o pavor augmentou ainda, quando de subito, ás dez horas do dia, entre a desordem furiosa dos elementos, escoreceu tudo de maneira que parecia noite, e que se divisavam no meio de sombras densas como scintillações de luz branca, os frocos de espuma que orlavam a crista das vagas ao embaterem umas nas outras. As ondas galgavam por cima da borda, varriam o convez, arrastando consigo tudo quanto encontravam.

A nau já estava rasa com a agua; novos mares vinham a cada instante, e um d'elles, alluindo uma parte da pópa, pareceu que trazia nas horridas fauces a morte implacavel para todos. Este vagalhão quasi que encheu de agua toda a nau, quebrou pernas e braços a muitos marinheiros, e deixou enfim o navio em tal estado que era um verdadeiro milagre o conservar-se ainda fluctuante. Demais, o mastro grande, depois de cair ao mar, ficava ainda preso pelos cabos á enxarcia de sotavento, de forma que o balanço impellia-o de encontro ao costado como um terrivel vaevém que ameaçava a cada instante aquella machina já tão profundamente arruinada.

Tres dias se passaram n'aquellas agonias, até que o temporal amainou. Fôra elle de tal ordem, que o navio corréra com a tormenta quatro graus. No principio do vendaval estava a 43, no fim achava-se a 47, sem leme, sem mastros, sem velas, sem escaleres, sem viveres e sem agua. Tinham perdido de vista a nau franceza, e tremiam de pensar que ella se teria perdido, porque era a sua unica esperança de salvação.

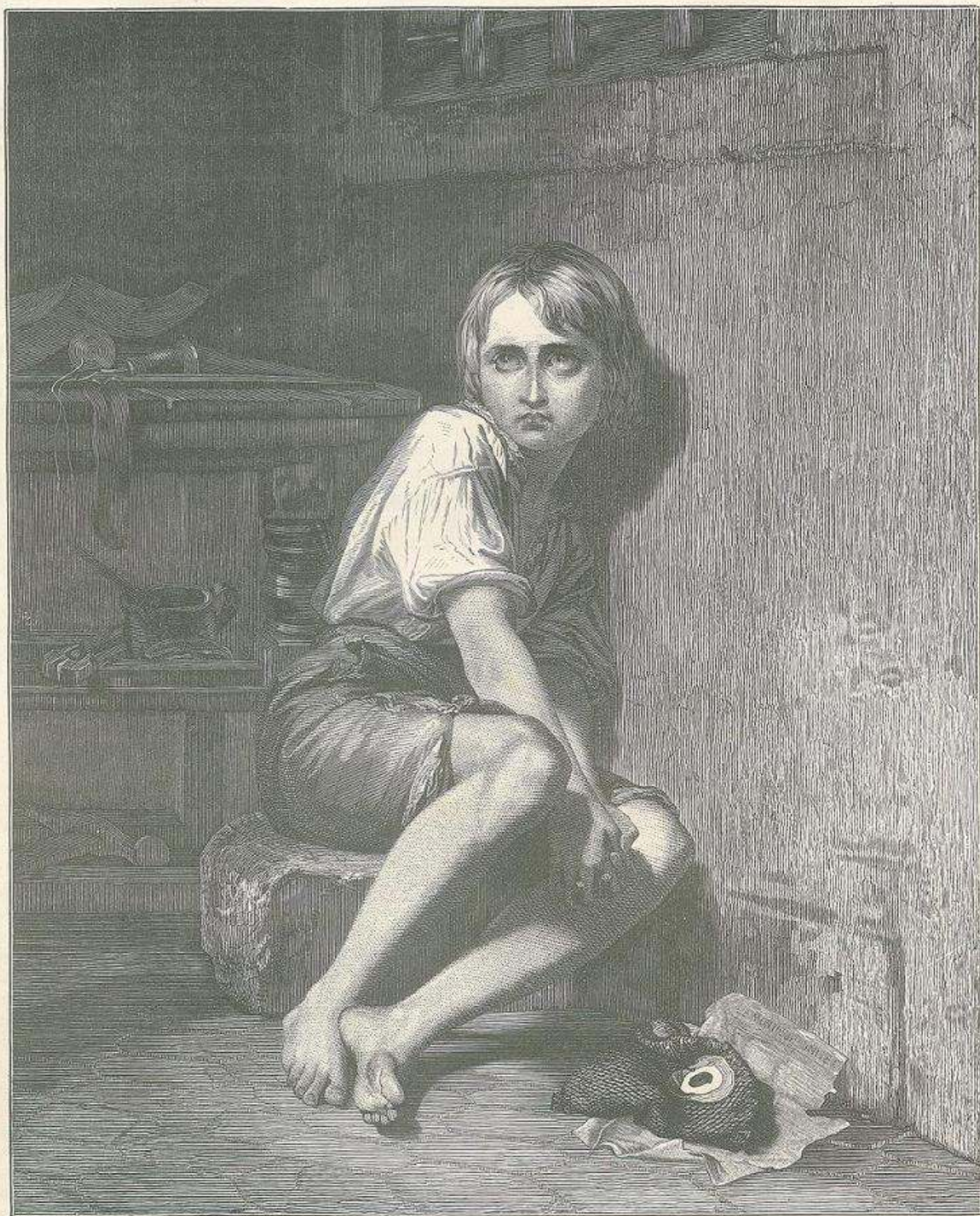
Appareceu, enfim; a tormenta damnificára-a muito, mas não a desarvorára, estava ainda rija e forte. Não quizeram porém os francezes embaraçar-se por mais tempo com o incommodo da escolla que se viam obrigados a fazer a um navio desmantellado e quasi incapaz de navegar. Entraram portanto na nau prisioneira, roubaram tudo que acharam que lhes conviesse, e partiram depois abandonando sem piedade os portuguezes, sem lhes deixarem ao menos viveres que lhes sohejavam a elles, e peças de apparelho, que também tinham de sobrecellente, e com as quaes os portuguezes se podiam arranjar de forma que continuassem, bem ou mal, a sua arriscada navegação.

Quando a nau franceza se affastou deixando os portuguezes em tão miseravel situação, sem mantimentos, nem agua, nem meios de navegar, isolados no meio do tempestuoso Oceano, a 236 leguas da Europa, foi tal a angustia dos infelizes que ajoelharam todos na tolda, e com lagrimas e soluços entoaram o *Miserere mei Deus*, que as vagas rugidoras acompanharam com o seu monotono psalmejar. Só Deus effectivamente lhes podia valer. Jorge de Albuquerque mandou passar revista ao navio para se juntarem os mantimentos que houvesse; encontraram-se apenas duas canoas de vinho, uma de agua de flôr, duas panhadas de

farinha de pau, alguns coiros, e cinco tassalhos de carne e de peixe. Os francezes além d'isso tinham levado a crueldade a ponto de roubarem até os instrumentos mais necessários para a navegação como eram o astrolabio e a bussola.

trava no navio pelos rombos que a tempestade abrira para poupar os tripulantes que, desfallecidos com a fome, já não podiam com o trabalho das bombas. Concertou-se o leme com umas cordas, e assim fôram navegando lentamente econo-

desgraçados navegantes humedeciam a bocca com vinagre, o qual já estava tambem nas borras. Alem d'isso o leme partira-se outra vez, as velas improvisadas rasgaram-se, a nau já caminhava impellida apenas pela força de quatro remos! Então o



O FILHO DE LUIZ XVI

Sempre sereno e infatigavel no meio dos mais terribes perigos e dos maiores desalentos, Jorge de Albuquerque tentou de improvisar uma guindola, erguendo guardanapos e pannos de meza para fazer uma vela e de vedar a agua que en-

misando mantimentos a tal ponto que o sustento de um dia chegou a constar apenas de tres coiros divididos por perto de 10 pessoas.

Mas enfim esses mesmos mantimentos acabaram de todo; não havia agua nem vinho e os

desespero apoderou-se de todos; alguns dos naufragos tinham morrido de fome e de sede, os outros não attendiam ás consolações, ás supplicas, ás exhortações de Jorge de Albuquerque. Atirando com os cadaveres ao mar, os famintos sobrevi-

ventes sentiram-se accommettidos pela ideia horrivel da anthropophagia; quizeram comer os corpos dos seus companheiros! Jorge de Albuquerque horrorisado, oppoz-se formalmente ao pensamento de tão abominavel festim! Alguns dos tripulantes

ria cega e impotente. Acalmava-os a custo Jorge de Albuquerque, cuja razão se mantinha intacta no meio da loucura dos seus companheiros. Então elles conceberam um projecto dictado pela angustia infinita que os dilacerava. Cançados de

fundo do navio para mais depressa se submergi-rem, e acabarem assim todos de uma vez aquella tormentosa e angustiosa vida.

PINHEIRO CHAGAS.

(Conclue no proximo numero).



UM CHEFE DE CIGANOS

apoiaram-n'o e então o desespero da fome causou brigas insensatas.

Era eminentemente afflictivo esse espectáculo. Os combatentes não dispunham senão de paus e de facas; não se podiam sustentar nas pernas e ainda assim arrojavam-se uns aos outros com fu-

luctar com a fome, com a sede, e com as vagas, chamavam em seu auxilio a morte. Sentiram-se atacados pelo frenesi do suicidio. Força moral, iniciativa para se arrojarem ao mar não a tinham no estado de prostração a que haviam chegado; pensaram portanto em arrancar uma taboa do

#### UMA HERANÇA

— Meu bom amigo, dizia o tabellião a Fulgencio Bogarim, aqui tem os novecentos mil reis, importancia da herança que lhe deixou seu tio Francisco Bogarim. Leva-os livres de todas as

despezas e sellos. Guarde-os cuidadosamente na algibeira, acautele-se que anda por ahí muita gatunagem, e metta-se em casa o mais depressa que poder.

— Ah! meu caro senhor, pôde ficar descansado, respondeu Fulgencio Bogarim dando um abraço no tabellião e safando-se no mesmo instante pela porta fora...

E poz-se na rua com os modos que a posse de novecentos mil réis dá a um homem que não anda costumado a semelhantes coisas.

Porque este Fulgencio Bogarim, um pobre diabo frequentador de espeluncas e tabernas, vadio por gosto e profissão, nunca tivera na algibeira juntos, até aquelle dia, mais de dois patacos em cobre...

O que todavia succede a muita gente boa...

No meio da rua, o nosso homem disse com os seus botões:

— Realmente, o demonico do tabellião é tolo! Imaginar elle que um rapaz como eu se deixava parvamente roubar por... O que não era nenhuma asneira, era metter-me agora n'um trem... Nada! para depois dizerem que me tinha assustado com os ditos do tabellião! E de mais, quero mostrar-me ahí por toda a cidade e arredores com este meu novo aspecto. Um homem que traz nas algibeiras novecentos mil réis, deve ter uns modos muito diferentes da vulgaridade dos mortaes.

Assim palestrando lá de si consigo, achegárase o Fulgencio Bogarim da vidraça de uma casa de modas, onde havia espelhos.

De repente recuou como que esbaforido.

— Pois é possível? Pois aquelle maltrapilho cujo fato deve ter a idade de Mathusalem, sou eu?!... Que chapéu!... Realmente o chapéu é um poema de velhice! Não quero nem mais um instante na cabeça este chapéu que me faz mais vermelho do que elle já está!

E entrou no Roxo.

— Ai! suspirava elle muito alegremente á saída da loja, ao menos agora devo parecer um... Demonio! ainda agora reparo que a outra extremidade está lastimosa... Trago nas botas umas valvulas que não são positivamente de segurança para a minha saude... O estylo é o homem, disseram algures... pois enganaram-se de meio a meio... o calçado é o homem!

E foi-se ao Stelplugg.

— Vamos, que não fiz mal, dizia o Fulgencio Bogarim depois de realiado a aquisição, pelo sim e pelo não, fui comprando dois pares. Mas, oh céus! o contraste é horrivel! As minhas calças, já franjadas em baixo, parecem ter mais dez annos, só com a visinhança do polimento das botas! E este casquinho, por baixo do chapéu novo, perde tambem toda a belleza que ainda lhe restava... uma belleza debroada de ccho! Nada, assim ficaria positivamente ridiculo.

E enfiou pela escada do Nunes Correia.

Efectuada a nova compra, o Fulgencio Bogarim que se levantára ao romper da aurora, — uma herança é o melhor despertador que ha, — entrou a sentir as mais instantes reclamações do estomago.

Estava elle então deante do *Grand Hotel Central*.

— Parece impossivel que nunca pozesse pés n'um d'estes opulentos hoteis, onde ha fascinantes iguarias e fructos de Tantalos... E todavia, sempre foi este o meu sonho... Ora, que diabo! orque não hei de realisar-o ao menos uma vez

por acaso? A gente não recebe todos os dias!... Ai! que famosa cosinha! o que ahí vai de appetitosas coisas!... Ora adens! Hoje pode-se fazer uma extravagancia!...

Elle a subir o primeiro degrau da entrada, e a receber uma palmada no hombro.

— Oh! Fulgencio!

— Oh! Augusto!

— Então que é isso?... aonde vaes?...

— Pois não vês?... Vou almoçar.

— N'este hotel?

— Sim, n'este hotel.

— Pois é possível?!... Tu?!...

— Eu mesmo: que ha n'isso de extraordinario?

— Nada... mas seria uma coisa bonita da tua parte, uma vez que estás endinheirado, o convidar um amigo que tem o appetite aberto e o credito fechado.

— Com todo o gosto: vem d'ahí.

Almoçaram os dois.

Entraram pelo Termo. Continuaram pelo Collares. O moço gabou tanto o Porto, que não houve remedio senão mandar vir.

Depois, café, licores, o demonio!

Ao quinto copo de Champagne já o Fulgencio Bogarim era amigo de todo o genero humano.

E como Augusto notasse isto mesmo, disse-lhe ao ouvido:

— Oh! Fulgencio, tu tiveste sempre um excelente coração!

— Pudéra não ter!

— Não serias capaz de recusar a um velho amigo a bagatella de cincoenta mil réis que necessito para...

— Não quero saber para quê! exclamou Fulgencio entusiasmado pelos vinhos generosos. Ah! tens os teus cincoenta mil réis.

— Obrigado, meu bom amigo!...

— Cala-te ahí... dá-me o braço, e vamos tomar ar.

Iam elles ao principio do Aterro, e eis senão quando approxima-se de Fulgencio Bogarim um sujeito bem trajado.

— Ora ainda bem que o encontro, sr. Bogarim. Ha já tanto tempo que me deve uma...

— Dever, eu!... que é que devo?

— Cem mil réis.

— A quem?

— A mim, de quando esteve hospedado em minha casa...

— Eil-os, os seus cem mil réis, meu valente amigo!... Fulgencio Bogarim paga á boca do cofre!

Um ponco mais adeante appareceu-lhe a Luizinha, uma loirita muito garrida por quem o coração de Fulgencio outr'ora pulsára.

Tomou-lhe o braço e foram por ali fóra á loja do 103, da rua do Ouro, depois á Cecilia Fernandes, depois á calçada de Carrique, depois ao baile de D. Maria, depois ao Montanha, onde ceíaram ás escondidas da policia! Um delirio!...

Tocavam no Castello as cornetas da alvorada quando Fulgencio Bogarim chegava a casa.

Diz-lhe então o guarda nocturno com muito mau modo, e abrindo a porta:

— Ora realmente, só um vadio se demora por fóra de casa até estas horas!

— Caluda!... e tome lá para matar o bicho!...

O Fulgencio Bogarim procurou pelas algibeiras... só achou cotão em todas ellas!

Em casa, sobre a mesa de cabeceira, tinha uma carta; abriu-a machinalmente. Dizia assim:

«Meu charo senhor.

«O sr. tabellião Alecrim encarrega-me de lhe dizer que se enganou esta manhã quando lhe deu a quantia de novecentos mil réis. Esqueceu-lhe descontar os direitos de transmissão e os seus honorarios. Tem por consequencia o senhor de lhe devolver cento e vinte mil réis.

De V. S.<sup>a</sup>, etc.

«José Mangerona, escrevente.»

ASMODEU.

Tres pensamentos de um album:

Ha mulheres cuja occupação parece consistir unicamente em proporcionar ao marido motivos para elles se consolarem da morte.

\*  
\* \*

Os homens, em geral, procuram conquistar o coração das mulheres antes pela audacia do que pela modestia.

\*  
\* \*

Onde tinham os poetas a cabeça quando deram ao amor um facho, um arco e careca? Não é n'isto que reside o seu poder.

Querem saber em que é?

Na venda que lhe tapa os olhos. Quanto mais cego, mais impeto e mais força tem o amor.

ÉLIE BERTHET

## O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SA)

(Continuado do n.º anterior)

Formaram-se varios grupos e cada qual dizia o que pensava a respeito do que acabava de succeder.

Leão Girard exclamou:

— Ora! isso é lá com a justiça e ella saberá descobrir o assassino... Sabem o que lhes digo? é que não é nada divertida a sua festa! Se fallassessemos um pouquinho em outra coisa!

Mas o pintor perdera por um instante a sua influencia na assemblea. Já ninguem o escutava, nem sequer a viuva, nem Thereza Huberto. Continuavam animadamente a fallar baixinho.

De repente Hermano bradou:

— Onde está o guarda Lescot?

Olharam todos em roda.

Muitos dos convidados acabavam de sair, de certo para irem contar pela aldeia o grande acontecimento, e Lescot era de certo d'esse numero. Esta retirada, em semelhantes circumstancias, deu que pensar.

— O que dizem vocês? continuou o tanceiro, será agora preciso nomear o assassino do meu sogro? Não acabou elle agora mesmo de se denunciar?

Ninguem se apressava a responder.

— Isso não prova nada, respondeu finalmente João Pedro. O Lescot tem sempre passado por um bom homem.

— Quem havia de ser então o culpado? perguntou Hermano n'um tom rude e quasi ameaçador. O Lescot, apesar de parecer muito bom homem, accusou o Martinho (como se os lobos se comessem uns aos outros!), e fel-o multar, depois do que se soccaram mutuamente... É para admirar que se hontem se encontraram n'algun recanto do bosque, um d'elles tivesse idéa de armar alguma ao outro?... E esperem lá, não notaram esta noite o ar embaçado e todo cheio de mansidão do Lescot? Vinha com o pé de se encontrar com o meu sogro, e annunciava o intento de lhe dar um aperto de mão... Percebem a *cantiga*? Lescot sabia muito bem o que hontem se passara, e como eu lhe disse cara a cara, queria fazer de Senhora da Paz. Vendo que a *cantiga* não pegava, safou-se e Deus sabe onde elle agora está!

Estas razões muito plausíveis produziram grande fermentação no auditorio.

Contudo, João Pedro acudiu com vivacidade:

— Vamos lá, sr. Hermano, a gente não deve avançar tanto sem saber... Afinal, Lescot não era o unico que estava indifferente com o Martinho... Você mesmo, como não ha de negar, tratou muito mal o seu defunto sogro, e se fôssemos a accusar as cegas...

— É verdade, redarguiu Hermano; eu e o meu sogro não nos davamos muito bem. Disputámos e chegámos até a mais alguma coisa... Costuma succeder isto entre sogros e genros... Quanto aos individuos, continuou elle com entono, que me julgam capaz de semelhante coisa, lembrar-lhes-hei em primeiro lugar que o Martinho foi morto com uma espingarda de dois canos, e que nunca na minha vida tive nenhuma espingarda d'essas ou d'outras, que nunca pedi nenhuma emprestada a ninguem, e que até não me saberia servir d'ella... Toda a aldeia póde affirmar isto.

— De certo, de certo! responderam-lhe em côro.

— Demais, escutem: não disse, Bridou, que o crime, segundo todas as apparencias, se cometera hontem á noite, ás seis horas?

— Sim, sim, respondeu Bridou. O medico, depois de examinar o corpo, declarou que a morte do pobre homem remontava a vinte e quatro horas, e está provado que os dois tiros de espingarda que ouvimos hontem, em Bois-Brulé, fôram os que mataram o guarda.

— Pois eu, voltou Hermano com um modo muito seguro, hontem á noite, ás seis horas, achava-me precisamente aqui, em casa da tia Huberto, como a patrão se deve lembrar.

— É justo, disse a tia Huberto, e Thereza ha-de affirmar isto mesmo.

— Quanto a isso, é verdade, acudiu Thereza, o senhor ainda aqui estava quando já tinham dado seis horas, até me lembro...

— Agora, interrompeu Hermano empertigando-se, quem é que se atreverá a affirmar que eu tomei parte n'este negocio?

Ouviram-se calorosos protestos e muitas mãos vieram apertar as suas.

— Ora ainda bem! tornou o tanoeiro cheio de triumpho; mas logo que não fui eu, quem foi então? Os caçadores furtivos da terra andavam muito ás boas com meu sogro, para que este podesse ter alguma contenda com elles... Só Lescot podia ter commettido semelhante infamia; nos terrenos baixos de Bois-Brulé, por onde ainda muitas vezes deve ter encontrado o Martinho, e como ainda se odiavam, mortalmente... um tiro depressa se desfecha!

— Sim, sim, disse o velho Leroud, que parecia ser uma auctoridade na assembléa. Lescot é o culpado... é claro como agua.

— Foi elle... não ha duvida alguma—repetiram algumas vozes.

Passados alguns instantes, todos os circumstantes reconheciam que só o guarda Lescot podia ser o culpado.

— Maroto! assassino! dizia-se com indignação; vão lá fiar-se na cara e nas palavras de certa gente! Quem havia de imaginar semelhante coisa do Lescot?

Hermano parecia observar com alegria a exasperação que ia augmentando de minuto para minuto.

— Mas esperem lá, proseguir, que estamos nós a fazer? o maroto voltou para casa, e ha de provavelmente aproveitar-se da noite para fugir para muito longe. Não devemos dar-lhe tempo de caçar connosco, de caçar com a justiça. Eu, em primeiro lugar, quero vingar o meu sogro; é o meu dever, e não deixarei de o cumprir... Vou já a casa de Lescot, antes que elle tenha tempo de abalar, e se o apanho, pobre d'elle!... Quem me acompanha?

— Vou eu, Hermano.

— Também eu! também eu!

A maior parte dos homens levantaram-se.

— Isso! Isso! Vamos em massa! exclamou Hermano, ainda mais exaltado que os companheiros; d'este modo ninguem fica responsavel... Os que tiverem espingardas vão buscar-as, porque aquelle vadio ha de defender-se de dentro de casa talvez e atirar sobre nós... Eu não tenho espingarda, e demais é coisa de que não sei servir-me; mas se me encontro face a face com aquelle bandido, hei de dizer-lhe umas coisas, prometto-lhes! Vamos! nada de pasmaceira... quem fôr do meu partido que me siga!

Saiu, deitando a correr seguido de quasi toda a gente.

Alguns velhos socegados, algumas mulheres, entre as quaes se achavam a mãe e a filha Huberto, a viuva Lourenço, o proprio Leão Girard quizeram detel-os; não os escutaram, dirigiu-se tudo tumultuosamente para a extremidade da aldeia, onde ficava a casa de Lescot.

Thereza e a formosa viuva mostravam-se muito afflictas, por se lembrarem das novas desgraças que podiam resultar d'aquelle acontecimento:

Leão disse-lhes bocejando:

— Ora! aquelles herradores, não hão de ir muito longe; vão vel-os voltar dentro em pouco, para acabarem a cidra e as batatas da tia Huberto... Mas por cá as festas são todas tão divertidas como esta!... Mas, em summa, ficámos livres d'esses parvos... vamos tratar agora de rir um pouco!

E principiou uma das historias picarescas, de que elle possuia um repertorio inesgotavel.

Mas, já ninguem tinha vontade de rir; todos tinham o sentido no que se passava lá fóra, estremeccendo ao menor ruido.

— Meu Deus! dizia Thereza com toda a ingenuidade, comtanto que José Leroud não se vá metter na desordem! Já não se encontram muitos noivos na nossa terra, e se eu perco aquelle!...

— E então o sr. Hermano! observou a viuva por sua vez; é um bello homem, rico, e que sabe fazer-se respeitar! Elle deseja tanto vingar o sogro que é capaz de se expôr...

— Não tenham medo, minhas frangas, retor-

quiou o artista, rindo. Se lhes dêrem cabo dos pretendentes, eu lhes arranjaré outros... Mas, repito-lhes, elles hão de pôr-se de longe, e acaba tudo na cidra.

Quando acabava de dizer isto, elevou-se ao longe um ruido formidavel. Acima da gritaria soaram alguns tiros de espingarda.

Julgou-se a principio que o estrondo seria passageiro; mas a fusilaria prolongou-se; dir-se-hia que junto da aldeia se travara algum pequeno combate.

Girard levantou-se repentinamente.

— Espera, que o caso é serio, exclamou sem perder o seu tom ligeiro. Effectivamente, o tal Hermano não me parece ter boa pinta!... Ora adeus! vou ver o que se passou! Entre as distrações que eu esperava encontrar esta noite, não contava com a distração de apanhar uma bala... É um meio como qualquer outro de uma pessoa se desenfatiar. Boas noites!

Enterrara o chapéo até aos olhos, e dispuinha-se a sair.

Thereza reteve-o por um braço, enquanto que a viuva o retinha pelo outro.

— Não, não, sr. Leão, disse Thereza: matal-o-hiam... José Leroud não é valente, enquanto que o senhor...

— Matal-o-hiam, sim, repetiu a formosa viuva.

O heroico artista debatia-se entre as duas mulheres.

— Se me matarem, tornou elle com um tom tragico, acabar-se-hão todos os meus desgostos. Thereza, eu lhe trarei José Leroud... Sr.<sup>a</sup> Lourenço, João Pedro vae acompanhá-la a casa.

João Pedro, que não quizera tomar parte em nenhuma demonstração hostil contra o seu amigo Lescot, approxinou-se lançando um olhar de reconhecimento ao artista.

Este, sem dar ouvidos aos agradecimentos de uns, nem aos lamentos de outros, apressou-se a sair e deitou a correr para o local onde os gritos e os tiros cada vez soavam com mais intensidade.

### III

#### O ataque

A casa do guarda ficava situada um pouco distante da aldeia, á entrada de um bosque, de cuja vigilancia Lescot se achava incumbido.

Pequeno edificio de forma arredondada, pom-bal e torre ao mesmo tempo, guarnecida de janellas de grades, esta casa era dependencia de um palacio que se elevava a meia legua d'ali, e parecia de tempos remotos, destinada a ser residencia de um guarda. Por isso, só por surpresa se podia penetrar n'aquella especie de fortaleza.

Hermano, que ia á testa da expedição, recommendára aos companheiros que não fizessem ruido.

Na janella do rez-do-chão brilhava uma luz, e Lescot, ao canto da lareira, contava de certo á esposa o tragico acontecimento.

Precipitou-se tudo para a porta, que usualmente estava fechada por uma tranqueta, acharam-na, porém, interiormente defendida por moveis.

— Veem, segredou Hermano aos companheiros, o patife desconfia... É que tem razões para isso!

E conferenciaram por um momento em voz baixa.

A despeito das suas precauções, Lescot já presentira o alarme.

Chegou à janella e perguntou em tom firme, procurando distinguir os assaltantes em meio das trevas da noite.

— Quem está ahí? que me querem?

Hermano ia responder; a exasperação do bando não lh'o permittiu.

— Bandido! assassino! scelerado! exclamaram individuos invisíveis e que se conservavam a distancia; foste tu que mataste o pobre Martinho!... Sae, anda, para te vermos a cara! És muito covarde para isso, espião dos teus companheiros!

Ao mesmo tempo um tiro de chumbo, desfechado não se sabe por quem, foi quebrar com estrondo os vidros da janella.

Lescot affastou-se precipitadamente ao mesmo tempo que a mulher soltava gritos de terror.

Allucinado pelas lamentações da mulher por aquelle ataque brutal, Lescot descarregou os seus dois tiros, o que determinou uma recrudescencia de gritos e de detonações da parte dos atacantes.

O combate continuou em meio de uma profunda escuridão, sulcada a espaços pelo clarão dos tiros.

Em meio d'este ruido, Hermano continuava pacificamente o seu trabalho, e já voára em hastilhas uma taboa da porta.

De repente, um homem, cujas feições não se podiam distinguir, saltou com intrepidez para o espaço livre entre a casa e os atiradores.

— Olá! então esta boa gente está doida! exclamou o recémchegado; para que é tanto encarniçamento contra uma pessoa, que está talvez in-

— Recheu uma bala?

— Não, mas esbarrou de encontro a uma arvore; tem com perdão do senhor, o nariz d'este tamanho...

E mostrava os dois punhos fechados.

— É só isso?

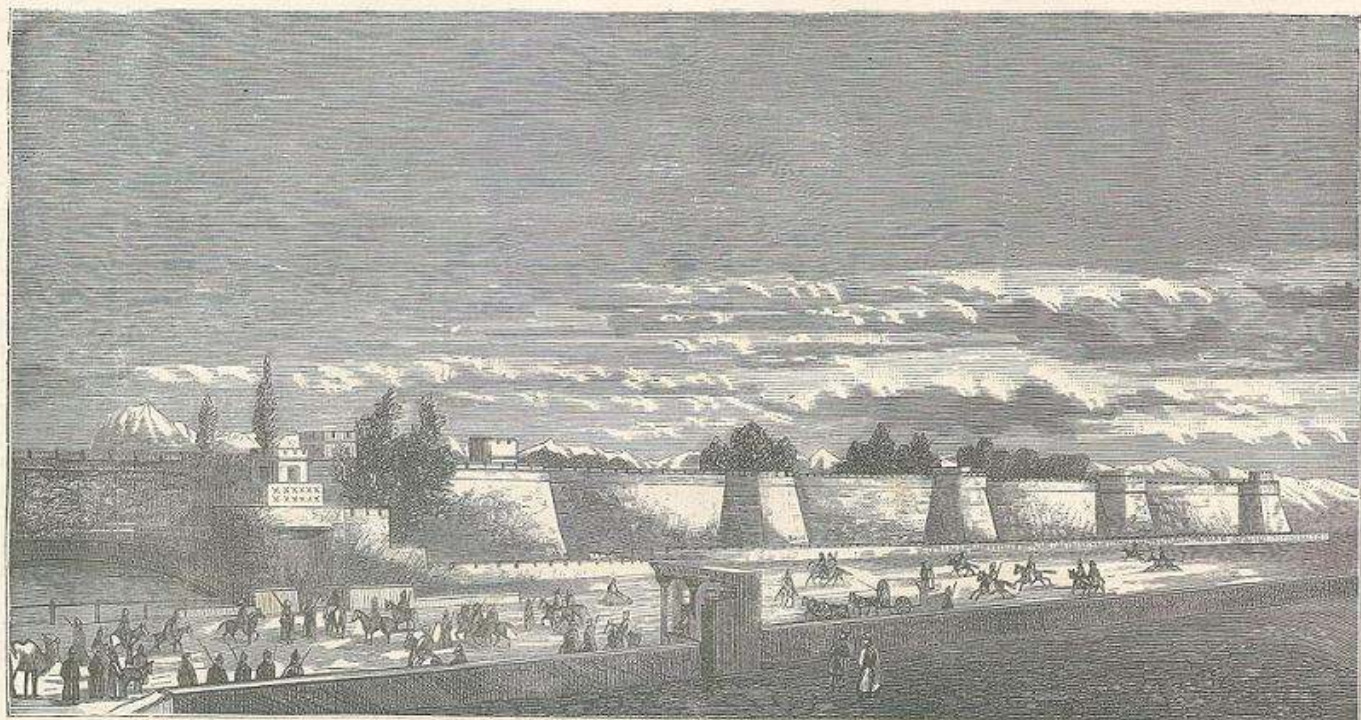
— Que eu saiba, nada mais temos.

O artista soltou uma gargalhada.

— Bem! é o que eu suspeitava! disse elle Comtudo, é preciso que este barulho cesse quanto antes. Vão para casa dormir, é o mais prudente.

Parecia haver grandes tentações de seguir este conselho, quando Hermano, que não cessara de manejar o machado, exclamou encolerizado:

— Ah! raios! o que tem esse figurão com isto? Nada tem aqui que ver.



KASCHGAR

Apagou-se a luz, com receio de que ella podesse servir de ponto de mira, e o guarda bradou do seu lado:

— Portam-se como verdadeiros bandidos! A respeito da morte do Martinho estou completamente innocente... Mas se brincam com as espingardas, eu farei o mesmo; atiro-lhes como a cães!

E fez estalar a fecharia da sua espingarda de dois canos.

Esta ameaça fez com que a população, furiosa, recusasse um bom pedaço.

Em seguida, porém, como cada qual se collocasse em posição d'onde julgava nada ter que recear, novos tiros foram dirigidos contra a casa do guarda.

— Conservem-se firmes, vocês, que eu lhe vou metter dentro a porta da gaiola; não ha de levar muito tempo.

E atirou-se á porta com um machado, de que elle lançara mão ao sair de casa da Huberto; manejava com tal destreza aquelle instrumento, que as taboas de carvalho, apesar da sua solidez, não pareciam que podessem resistir por muito tempo.

nocente? Abaixo as espingardas! Dou licença para sócco, em ultimo caso; mas, tiros...

Houve um momento de surpresa entre a gente da aldeia.

— É o parisiense, disse finalmente uma voz.

— Sim, é o parisiense, disse tambem Hermano, mas não lhe deem ouvidos. O que é que nos quer esse papelão? Não tem nada com os nossos negocios... Que vá dizer tolices ás moças que o gostam de o ouvir!

Entretanto, a presença do parisiense, diminuiu o ardor dos combatentes. Leão Girard exclamou sem se queixar.

— Olá, tanoeiro do inferno, não me faças tomar-te á minha conta, porque principias a incomodar-me singularmente. E vocês, continuou elevando a voz, se não cessam de queimar polvora...

— Não fui eu que principiei, senhor, disse o guarda Lescot da sua janella, veem atacar-me a minha casa, preciso defender-me!

— Ha feridos? perguntou Girard.

— Assim me parece, senhor! respondeu um homem de Rivecourt n'um tom lastimoso, o pobre José Leroud...

— É verdade que não se vê aqui muito, comtudo, sempre verei o sufficiente, meu amigo, para lhe dar um ensino, se não larga já esse machado.

— Ah! sim! pois venha para cá! disse o tanoeiro pondo-se em defeza.

— Ah! vou! replicou o artista, que se dirigiu para Hermano com firmeza.

(Continua).

## ENYGM

